

**Transcrição da Escola de Comunidade com Julián Carrón
Milão, 21 de junho de 2017**

Texto de referência: J. Carrón. O meu coração é feliz porque, Tu, Cristo, vives. Livreto dos Exercícios da Fraternidade de Comunhão e Libertação 2017, Introdução, pp. 14-23.

- *Amare ancora*
- *Give me Jesus*

Glória

Veni Sancte Spiritus

Carrón: “Que amargura, meu amor / ver as coisas como as vejo” (C. Chieffo e M. Neri, “Amare Ancora”, *Cantos*, pp. 315-316), às vezes, reduzimos a vida, a realidade àquilo que conseguimos ver. Porém, que alívio poder reconhecer que “bastaria [...] voltar a ser [como] crianças [...] / e lembrar que tudo é dado”, desde o início de cada manhã. Como é verdade o que lembramos nos Exercícios, que sem um movimento nosso a realidade nos esmaga, nos esmaga como uma placa de chumbo, e então começa o formalismo. Se não há um movimento da nossa liberdade, instaura-se o formalismo. Como dizia a carta que citei na Introdução dos Exercícios: “Não me basta aderir mecanicamente a um aviso” para que a vida renasça. Ao contrário, “a vida é bela porque em cada dia há uma possibilidade de relação com o Mistério e tudo pode tornar-se um desafio para descobri-lo e receber um ‘a mais’ para mim” (p. 7).

Que experiência cada um de nós fez disso? Porque o drama está exatamente nesse nível, como me escreve um de vocês que não pôde vir porque mora muito longe. Quero começar com isso: “Sinto que cheguei num ponto essencial da minha vida. Uma dessas passagens urgentes, decisivas. Mérito, acredito, das suas provocações nos últimos Exercícios da Fraternidade (e só retomei a Introdução!). Vou direto à consequência. Todas as considerações (e as ‘antigas’ preocupações de Dom Gius) que nos faz são mais que pontuais. E temo estar dentro delas até o pescoço. Evidentemente corro o risco de ser formal e moralista. Melhor, talvez ainda rejeite dizer a mim mesmo: a minha fé é formal (corre paralela à vida); vivo de um modo essencialmente moralista (quantas coisas ‘não podem ser feitas’ ou, ao contrário, ‘não podem deixar de ser feitas’: mesmo os gestos grandes – Coleta de Alimentos, Banco Farmacêutico, Tendas de Natal, caritativa, Fundo Comum, Exercícios, Escola de Comunidade, etc). Mas o teste (sempre o mesmo, impiedoso, teste), o da letícia, me detona: ela não existe! Há, no máximo, uma menção cansativa, pretenciosa, egoísta. E não aguento mais isso. Gostaria (o desejo!!) de ser alegre quando choro, alegre na humilhação, nas provas, nos imprevistos [porque o formalismo não basta mais para viver]. No entanto, estou sempre sombrio no dia a dia, mesmo quando é – se me permite o termo – ‘leve’. Em suma, um verdadeiro desastre. Cristo está realmente isolado do meu coração, embora muitas vezes negue isso, e gostaria que fosse exatamente o contrário. A salvação não pode não me interessar, mas penso nela [atenção!] sempre segundo um modelo meu. E depois de tantos anos dentro do Movimento não consigo acreditar que esteja tão ‘reduzido’ [podemos estar aqui, participar de tudo isto e estar ‘reduzidos’ desse modo], e que não consiga mover-me de modo diferente. A vontade que mais tenho é a de desistir porque não consigo me ‘converter’. E, portanto, tenho a sensação de que reduzo a vida à minha boa vontade (porque continuo apontando para mim e não para um Outro); com a certeza (com base sempre nas minhas supostas capacidades) de ser uma ‘pessoa eficiente’, que trabalha com vibrante energia para aqueles que, eventualmente, me pedem ajuda; que não se presta a muitas práticas nocivas ou perniciosas; que, em suma, não é alguém tão ruim! Mas a letícia está sempre em outro lugar! E a companhia? A companhia... Não me parece que haja tantas pessoas perto de mim que se disponham a se sacrificar para me ajudar, me entender, me acompanhar. No máximo, me julgam e depois me isolam. Entre uma Escola de Comunidade e outra, nunca recebo um telefonema ou um convite para sair. No máximo, algumas mensagens contento uma piada

ridícula ou um link qualquer. Será que a companhia que conheço e frequento é formal e moralista como eu? Como sair disso? [Assim que ele faz a pergunta, volta a raciocinar segundo o ‘modelo’]. E não venha me dizer que a inquietude que eu sinto é um ‘bem’, porque realmente não entendo isso. Não venha me dizer que o meu (eventual) grito (ou festival de lamentos) ‘é útil’, e que Cristo também está ali, que me espera, e tudo o que vivo é para mim! Entendo tudo isso apenas de modo formal, mas não existencial [este é o ponto: também esse reconhecimento é algo formal]. O coração está isolado, sofre, e não sei o que posso fazer. A liberdade (e, portanto, o caminho!)! Depois de tanto tempo, estou novamente num ‘ponto de partida’. Mas a idade (o tornar-se adulto) não ajuda. Ao contrário. Qual é a ‘tarefa’ para o verão [Na Europa é o início do verão]?”

Parece-me que muitos de nós podem se reconhecer nessa descrição. E é dentro dessa situação que podemos verdadeiramente redescobrir o que Dom Giussani nos diz: “Qualquer expressão de um movimento como o nosso, se não faz nascer do íntimo das experiências concretas que se vivem o apelo à memória da presença de Cristo, não serve [podemos fazer tudo pensando que isso pode nos dar letícia; podemos fazer pontualmente as coisas, mas não percebemos esse fazer como apelo à memória de Cristo]. Aliás [não cito esse trecho para nos agredirmos, mas para nos consolarmos, identificando o que nos acontece às vezes], piora a situação do humano, porque favorece o formalismo e o moralismo. Faria decair o acontecimento entre nós – acontecimento que deveríamos reter com tremor nos olhos e no coração como critério do nosso comportamento mútuo – em refúgio sociológico, em posição social [como coisa que devemos fazer, como pedágio para pertencermos a uma companhia”] (p. 15) Se tudo não é como um grito que nos remete à memória de Cristo, nada será capaz de nos satisfazer. Por quê? Nós também podemos fazer determinados gestos como outros o fazem, mas não será isso que nos dará letícia.

Onde encontramos a letícia? Esta é a primeira pergunta que devemos nos fazer no verão: onde me surpreendo contente? Qual é a origem da minha letícia? Qual é a origem da minha salvação? Onde a percebo? Porque as palavras, todos já as sabemos, mas são formais porque não as entendemos existencialmente. Por isso, é inútil explicar de novo palavras como “letícia” ou “salvação”, é preciso descobri-las na nossa vida: onde eu encontro em mim a letícia? Onde percebo que, num determinado ponto, começa a acontecer algo que faz vibrar em mim a letícia, que faz vibrar em mim a salvação? Senão, continuaremos somente repetindo palavras vazias. Como me escreve um amigo: “Faço tudo, mas não me basta”. É normal que não lhe basta! Se o que você faz não é para alimentar a memória de Cristo, nunca vai lhe bastar! Portanto, podemos reduzir a nossa participação num lugar como o Movimento, a um fazer alguma coisa. Como nos disse Giussani. Releiam a Introdução dos Exercícios, porque ali Dom Giussani fotografou todas as nossas reduções, e exatamente por isso nos ajuda a entender a origem do formalismo que acontece em nós, embora façamos tudo o que nos é sugerido; porque em cada instante podemos perder a origem e o objetivo pelo qual o fazemos. E isso se vê, prossegue nosso amigo, pela “dificuldade enorme que tenho em reconhecer Cristo [não conseguimos nem mais interceptá-Lo na vida] e me parece com muita frequência, que eu O construo. Como é possível que Cristo, que é o sentido de todas as coisas, seja tão difícil de reconhecer?”. Não é difícil, sempre dissemos isso – basta que a pessoa se lembre das muitas ocasiões em que O reconheceu presente –, é tudo menos difícil; é fácilimo! Mas é preciso não reduzi-Lo a um esquema, ao modelo que temos na cabeça, e estar atentos em como acontece. Porque os fariseus tinham Jesus diante de si, mas não O reconheciam. Nós também, muitas vezes, O temos diante de nós, mas como a forma da Sua presença não coincide com o nosso esquema, não O reconhecemos. Então, o que facilita esse reconhecimento? Quando acontece, o que me facilita reconhecê-Lo? Muitas vezes, a modalidade que temos na cabeça não coincide com a realidade da Sua presença. Estas são perguntas que devemos deixar abertas durante todo o verão.

Colocação: *Gostaria de fazer uma pergunta, que surgiu depois de um jantar com o meu grupo de Fraternidade onde tivemos uma discussão muito viva sobre as notas escolares dos nossos filhos que tinham chegado naquele dia. Alguns estavam decepcionados porque esperavam outra coisa, outros porque achavam que deveriam ter percebido antes. Todas, lamentações legítimas e que partiam de um desejo bom para si e para os próprios filhos, mas carregando uma decepção, uma*

sutil perplexidade sobre o dado que a realidade colocava diante deles: aquelas notas, aquela injustiça. Ficamos impacientes e não confiamos de que exatamente aquela modalidade, que poderia ter alguns limites, é a que Jesus dá para que nós e nossos filhos crescamos. Na Introdução, na página 21, há esta afirmação: “Com Cristo podemos enfrentar qualquer situação em que possamos vir a estar. E nisto consiste também a nossa verificação”, e para realizá-la “é necessária a nossa liberdade” e “decidir de que lado estamos”, se estamos “do lado do sepulcro ou do lado de Jesus (...). Cada um de nós já tem [...] um pequeno sepulcro, [...] uma ferida, uma injustiça suportada ou cometida [...], um rancor [...]. Sentimos então dirigida a cada um de nós as palavras de Jesus a Lázaro: ‘Sai!’”. Muitas vezes eu entendo que há um modo de dizer: “Estou do lado de Jesus” que carrega um formalismo último, não mau e não admitido, que não nos deixa livres para esperar com paciência – uma etapa após outra – o sacrifício da segurança, ou seja, da certeza de um Outro. Se você puder, seria de grande ajuda se aprofundasse este tema da verificação e este “estar do lado de Jesus”.

Carrón: Em que consiste esse “formalismo último”, em que você o percebeu?

Colocação: *No fato de que dizemos que estamos do lado de Jesus, mas no fundo estamos de acordo enquanto Jesus faz as coisas acontecerem como eu acho que deveriam.*

Carrón: Ou seja: falta a alteridade de Jesus. Só é Jesus se coincide com o que nós pensamos, com o nosso esquema, dizia o amigo da carta. Por isso, no final não nos deparamos, não nos embatemos nunca com algo diferente, que seja outro além de nós. E quando acontece de modo diferente, não O reconhecemos porque não esperamos nada, já que decidimos que dentro daqueles limites e das desilusões Jesus não pode chegar. Nós já decidimos antecipadamente onde e como Jesus pode chegar na nossa vida. Com a expressão “formalismo último”, você está dizendo isto: que nós já decidimos a priori que Deus, se fosse inteligente, deveria aceitar o “nosso” desígnio e submeter-se ao “nosso” pensamento. Mas os pensamentos de Deus são diferentes dos nossos! Quantas vezes, de fato, nos surpreendemos por Ele ter vindo a nós de modo absolutamente impensável. Portanto, a única possibilidade é manter uma abertura (mesmo quando o verão é atrapalhado pela recuperação escolar dos filhos). Todas as coisas imprevistas e inesperadas que acontecem podem se tornar uma ocasião para nós. Mas se não as vivemos permanecendo abertos à possibilidade de que Ele possa se comunicar ali dentro, no fim O expulsamos da realidade porque aceitamos apenas o que nós decidimos a priori. Porém, a única possibilidade é nos educarmos a essa postura – como diz Dom Giussani em *Por que a Igreja* –, a despertar em nós o senso religioso para estarmos atentos ao aceno através do qual o Mistério vem ao nosso encontro. Mas, muitas vezes, não temos paciência, não estamos disponíveis para seguir – como diz Dom Giussani – o aceno do Mistério e, assim, O deixamos de lado. Então, esta é a verificação que devemos fazer: tentemos nos abrir à modalidade imprevista com a qual Ele pode vir ao nosso encontro, porque é esta a reviravolta no método que vimos na Escola de Comunidade. Com a nossa inteligência, nós imaginamos, projetamos e decidimos tudo. Mas, além da do inteligente, há outra possibilidade: a do pobre que espera, como uma criança, como vai chegar. “O primeiro método favorece o inteligente [...] [o segundo], o pobre, o homem comum. Deparar-se, esbarrar numa pessoa presente é uma evidência fácil para a criança quanto para o adulto. Na dinâmica reveladora dessa hipótese, o acento recai não mais sobre a genialidade e a iniciativa, mas sobre a simplicidade e o amor”. (L. Giussani, *Na origem da pretensão Cristã*, Editora Nova Fronteira, São Paulo 2003, p. 46). Essa é a única possibilidade para reconhecê-Lo: estar disponíveis à modalidade com a qual Cristo vem ao nosso encontro. E isso nos dá paciência, como vimos, citando Mounier: “É da terra, da solidez que deriva necessariamente um parto cheio de alegria, o sentimento paciente da obra que cresce, das etapas que se sucedem, esperadas com calma, com segurança [a concretização do desígnio de um Outro]. É preciso sofrer para que a verdade não se cristalice em doutrina” (*O meu coração está feliz porque Tu, Cristo, vives*, op. cit., p. 19), ou seja, para que não seja apenas um conteúdo teórico, mas existencial (uma experiência). Repito: isso acontece somente se estamos disponíveis.

Como o Mistério opera? Outra pessoa que não pôde vir, escreve: “Vivi meses terríveis. Depois de uma paixão forte pela pessoa errada, ficou uma ferida enorme. Preciso de um olhar infinito de amor sobre mim. Identifiquei a salvação com aquele olhar e me sentia errada. Decidi que só poderia ficar

feliz através dele [“Decidi”: veem como, a priori, somos nós que estabelecemos o que deve ser a salvação e qual deve ser o seu método?]. A coisa mais terrível era que a falta do olhar dele me levava a um implícito juízo sobre mim: eu não sou suficiente, não tenho valor. Sentia-me uma nulidade”. Quando a pessoa não está na postura certa, tudo começa a se complicar, e a atenção se volta para algo que, mesmo se acontecesse, não poderia dar a salvação. Até que acontece o encontro imprevisto: “Depois, o encontro mais importante aconteceu com uma amiga com quem não compartilho a vida cotidiana, mas que foi um grande ponto de referência. O que me fazia literalmente respirar era a sua presença, ouvi-la falar da sua história, o seu olhar sobre mim que me fazia experimentar uma ternura enorme [a pessoa imagina onde deve acontecer, mas, depois, se surpreende porque acontece em outro lugar]. Diante dela, que me falava e me olhava [o que nos faz entender que a salvação chegou?], eu me reconhecia novamente, me sentia mais eu, sentia-me mais verdadeira. Eu dizia: é exatamente isso o que desejo, receber outra uma vez esse olhar e essa novidade. Quero ter este mesmo olhar”. A salvação chega assim. Por isso, se não estamos disponíveis a essa reviravolta, continuaremos fazendo as coisas abertos a tudo o que fazemos, mas não nos deixamos transformar. E qual é o êxito dessa disponibilidade? Em que se vê que a salvação chegou em sua casa? Que agora não pode mais nivelar por baixo: “Estou aprendendo a me perguntar o que desejo. Estou aprendendo a pedir realmente que me mostre o Seu caminho. Isso é muito difícil, porque pressupõe uma seriedade diante da própria vida”. Vê-se que a salvação chegou porque o eu começa a levar a vida a sério. E, assim, a verdade não se cristaliza em doutrina. Então, “em que consiste essa mudança?”, pergunta. Consiste – primeira passagem – em deparar-se com uma pessoa (neste caso, uma amiga que olha para você de modo diferente, a ponto de lhe fazer tornar-se si mesma: “Eu me reconhecia de novo, me sentia mais eu”). Este é o primeiro contragolpe: pura graça. Por causa do qual, a um certo ponto, eu me sentia mais eu”. Segunda passagem: a liberdade pode aceitar ou rejeitar. Posso reconhecer ou não. O primeiro contragolpe, não sou eu que decido, acontece, mas logo depois é preciso reconhecê-lo. É fácil reconhecê-lo, quando acontece. Terceira passagem: em que consiste a mudança? No fato de que posso, depois de tê-lo reconhecido, facilitar a modalidade com a qual Cristo veio ao meu encontro. Quarta passagem: o que faz nascer esse querer facilitar? O meu desejo de não nivelar por baixo, portanto, de levar a minha vida a sério, de começar a ser protagonista da vida porque Cristo me desperta sempre. É isso o que Dom Giussani nos disse – como repetimos na Primeira Meditação, e que retomaremos nas próximas semanas –: o fundamento humano do eu é despertado, o homem torna-se verdadeiramente pobre, começa a dar-se conta de qual é a verdadeira natureza do seu eu e sua verdadeira necessidade. Mas frequentemente, como me escreve uma pessoa, não percebemos a fome e a sede, ou seja, a consciência da necessidade como primeiro sinal da salvação: “Para quem tem fome e sede, a vida é um castigo”. Entendem? Impressionante! Se não coincide com a modalidade que tenho em mente, tudo se torna um castigo.

Colocação: *Alguns dias atrás, cheguei num ponto sem volta. Não aconteceu nada de grave, nada de particularmente grave, apenas a vida, na sua normalidade, me coloca à prova. Eu faço tudo, me jogo nas coisas, procuro algo para fazer se estou parada, procuro os amigos, tento fazer coisas bonitas com a minha filha, porém, à noite, quando me deito, me pergunto: “O que aconteceu hoje?”, e se estou mais feliz em viver. Normalmente, respondo que não e penso que foi um dia que me deixou mais próxima da velhice. Digo que nada de bonito vale a pena quando falta aquilo que torna o instante pleno. Tudo, para mim, é pesado e triste. Quando estou assim, não me recupero com muita facilidade e fico me perguntando se não tenho algum problema: por que nunca me senti realmente feliz, nem de vez em quando? Desta vez, lendo os Exercícios, senti-me muito descrita pela psicologia do tûmulo, porém reconhecer que é assim não foi suficiente para me levantar. Não basta dizer que quero deixar Jesus entrar – e realmente quero –, porque pensar que eu gostaria de ser feliz não elimina o fato de que, ao contrário, normalmente estou triste, que tenho um temperamento melancólico. E mais do que ver o belo da vida, sinto o seu peso e às vezes me pergunto o que estou fazendo aqui. Peço ajuda, pedi ajuda, porque pude ver como é viver intensamente. Expor a minha dificuldade, a minha tristeza, me coloca em relacionamento com os*

outros. Porém, no fundo, ainda penso que depende de mim, que fazendo ou deixando de fazer algo, posso me dar a felicidade. Porém, as pessoas que vejo felizes são aquelas que vivem um relacionamento que as constitui e determina. Provavelmente sofrem, mas não são resignadas. Vejo em minha volta grandes exemplos e testemunhos que normalmente me impressionam, mas às vezes me deixam irritada, porque eu me pergunto como é possível que aconteçam essas coisas e eu continue patinando no meu cotidiano. Não me basta nem a companhia que ajuda a recomeçar, preciso que mude algo na minha consciência. Preciso de ajuda, às vezes sinto-me um pouco cansada de lutar, porque minha vida parece um contínuo cair e levantar sem que o relacionamento com o Mistério cresça. Às vezes, sinto até vergonha de falar de Cristo, tanto que nunca falei seu nome até agora. E falo muito pouco o Seu nome porque me sinto muito distante...

Carrón: Menos mal que Cristo não se envergonha de você! Amiga, para você, o que quer dizer essa mudança de consciência?

Colocação: *Às vezes parece que preciso de outra pessoa, preciso fisicamente de outra pessoa, que me lembre... Muitas vezes você nos disse que nós tendemos à autossuficiência, porém eu entendo que, quando estou sozinha com minha filha e ela olha para mim, naquele momento preciso ter certeza do relacionamento com Cristo. Não é que alguém sempre vai entrar pela porta e me dizer alguma palavra. Nesse sentido, peço ajuda, porque eu sigo, tento seguir, mas muitas vezes sinto-me cair nessa tristeza.*

Carrón: Quando você diz “autossuficiência”, o que significa? O contrário da autossuficiência é dar-se conta de que você não pode resolver sozinha essa sua situação. E não deve resolvê-la sozinha. Crescer na consciência de si significa crescer na consciência de que você tem uma necessidade verdadeira. Quanto mais tomamos consciência da natureza da nossa necessidade tanto mais nos damos conta de que a autossuficiência é a postura mais estúpida que podemos ter. Quanto mais dou-me conta da natureza ilimitada do meu desejo tanto menos pretendo respondê-lo por mim. O que quer dizer em relação à “mudança de mentalidade”? Quem dá a você esse desejo de plenitude? Quem lhe dá essa tristeza? Quem lhe dá essa insatisfação? O que tudo isso lhe diz? Que você é maior do que qualquer outra coisa e que o relacionamento que pode responder é o relacionamento com um Outro, que você vê realizado em alguém. A questão é se todas as vezes que está presa nessas questões, percebe que a consciência da sua verdadeira necessidade, que o crescimento da consciência de si depende do seu estar em relacionamento com. Você vê isso em sua filha. Quando você cuida dela, o que sua filha diz de si? Que ela é toda relacionamento com você. Ela inteira é relacionamento com você. Certamente isso não tem a ver com a autossuficiência. Se há uma criatura que não é autossuficiente, é sua filha. Ela é bem consciente da necessidade que tem de você. E se você facilita o que sua filha está testemunhando (ou que vê em outros testemunhos), então percebe que você também tem necessidade de um Outro. O que você vê? Considere o que você vê, porque o Mistério coloca sua filha e certos testemunhos na sua frente para que você possa ver, a ponto de se perguntar: por que essas pessoas, que têm os mesmos problemas que os meus, vivem bem? O Mistério lhe dá as circunstâncias como para lhe dizer: “Percebe que há uma resposta?”. E coloca diante de você uma pessoa, não faz uma palestra. Coloca diante de você alguém em quem a resposta acontece, desafiando a sua desconfiança: “Olhe, observe o que acontece neles!”. Porque, como Dom Giussani nos disse, seguir é reviver a experiência de um outro, e é assim que você poderá começar a fazer um caminho em direção à mudança de consciência que lhe permite viver o real como sua filha vive quando você está com ela: contente. Não porque você tenha necessidade de alguém que esteja sempre ali com você, porque às vezes você está sozinha. E, então, o que você faz? Espera ver alguém? Se puder fazer isso, faça-o, não é preciso fazer o sacrifício de ficar sozinha para provar. A questão é que muitas vezes as tarefas que você tem, a obrigam a viver certas circunstâncias sozinha, como acontece quando alguém é transferido por causa do trabalho ou deve responder a todos os imprevistos da vida. A questão é se começamos a dizer “eu” com a consciência de que somos relacionamento com um Outro. Essa é a mudança de consciência que você já vê testemunhada em sua filha. Então, neste verão, procure ver como essa consciência vai crescer e o que acontece com você quando ocorre.

Colocação: *Há três anos aconteceu um fato que me marcou muito. Passou-se muito tempo desde então. E no ano passado encontrei o Movimento, que mudou a minha vida restituindo o pedido de sentido sobre o que me aconteceu e uma companhia com a qual caminhar. Foi um ano de novidades e descobertas. Vivi os dias com grande entusiasmo, sobretudo pela extraordinária correspondência encontrada em relação ao que eu intuía ser a minha primeira necessidade desde sempre: levar a sério o meu coração. Agora, porém, não escondo que sinto uma grande dificuldade. Dou-me conta da responsabilidade que é continuar a interrogar o próprio coração, da dor que é admitir que, no fundo, ainda não conheço o que falta ao meu coração. Não é suficiente atribuir um nome à falta que sinto, não me basta nem mesmo dizer que é Cristo manifestando-se na minha vida através dessa falta. Ainda preciso verificar isso. Talvez seja a coisa mais preciosa que guardo deste ano. Minha dor não foi resolvida e minha solidão não desapareceu, mas abriu-se uma hipótese de significado para a minha vida que deve continuamente ser redescoberta para subsistir, para fazer nascer em mim o desejo de conhecer a verdade das coisas todos os dias. Porém, eu não entendo bem quando se diz que “é preciso sofrer para que a verdade não se cristalice em doutrina”, para que Cristo não se torne um exemplo de valores morais, “mas nasça da carne”. O que quer dizer verdadeiramente aderir a Cristo em relação ao sofrimento que carrego no coração? Parecia-me tê-Lo encontrado, mas agora me parece que preciso recomeçar do início. O Papa nos disse que precisamos fazer memória, mas eu não sei o que ele quer dizer com esse “fazer memória”, porque lembrar o dia em que encontrei o Senhor não me restitui completamente a plenitude daquele instante, e os rostos dos amigos que me fascinaram daquela vez convencendo-me a segui-los não me restituem aquela plenitude que eu, agora, peço e desejo terrivelmente. Como posso obtê-la novamente? E quando não existe, é simplesmente porque não foi dada? Porém, algo em mim mudou em relação ao ano passado: fiquei surpreendida com a lealdade com a qual continuo buscando uma resposta. Embora neste último período nada pareça tão entusiasmante como no início, me causa grande ternura perceber que, se sou sincera, não consigo jogar tudo pelos ares, porque estou tão afeiçoada a essa possibilidade de significado para a minha vida, para a minha história, que preciso continuar pedindo as razões e pedindo para vê-Lo acontecer novamente no presente para dizer realmente que tem a ver comigo agora, que ainda é para mim e ainda me permite voltar a respirar.*

Carrón: Qual você acha que é a coisa mais preciosa que disse? Porque essa é a primeira coisa de que você deve se dar conta. Talvez a coisa mais preciosa tenha sido a descoberta de que “uma hipótese de significado para a minha vida deve continuamente ser redescoberta”. Dizer, citando Mounier, que a verdade deve nascer da carne, significa que você começa já a ver nascer da sua carne esse desejo de redescoberta que antes não tinha. E por que acontece? Você disse que o que mais lhe surpreendeu como mudança em você foi: “A lealdade com a qual continuo buscando uma resposta”. Este é o sinal do crescimento do seu eu: agora não pode voltar a ser como antes. De fato, “se sou sincera, não consigo jogar tudo pelos ares, porque estou tão afeiçoada a essa possibilidade de significado para a minha vida, para a minha história, que tenho necessidade de continuar”. Quer dizer que esse desejo de redescobrir uma hipótese de significado já começou a penetrar na sua carne! A questão é se você quer dar crédito ao que lhe aconteceu, se quer facilitar esse desejo de redescobri-lo sempre, para continuar a crescer como cresceu até agora. De outro modo, vai depender apenas do vai-e-vem de sentimentos ou do estado de espírito. É como quando você descobriu um escritor de quem gostou: é diferente escutar um belo poema e querer aprendê-lo de cor. É mais cansativo aprendê-lo de cor do que apenas escutar seus versos. Mas, como você quer aprendê-lo para repeti-lo quando estiver caminhando, como quer lembrar-se dele porque lhe agrada tanto, isso coloca dentro de você o desejo de decorá-lo para que se torne seu. Se você começa a perceber a lealdade com a qual continua buscando a mudança que vê em você, facilitar essa consciência é o que lhe fará incrementar cada vez mais essa mudança de consciência, e assim poderá verificar que o que lhe aconteceu e está fazendo você emergir como pessoa, continua acontecendo dentro de você. Senão, como dissemos em todo esse tempo depois dos Exercícios, nunca será seu, e você dependerá apenas do vai-e-vem das circunstâncias. Mas você, depois de ter vivido momentos de grande correspondência, quer que isso se torne seu? Este é o ponto. Acontecerá

somente se você facilitar aquilo que Cristo já gerou em você, aquele eu que começa a emergir em você. Se não abrimos as portas a isso, nunca se tornará nosso. Obrigado.

Colocação: *Sempre fico tocada com a comparação que você faz do relacionamento da criança com a mãe. Reli muitas vezes uma das respostas que você deu na última Escola de Comunidade, na página 6 da transcrição: “Esta é a possibilidade: que tudo o que aparece como uma objeção se torne um diálogo com Aquele que nos faz”. E eu a transformei assim: que tudo, independente da objeção, se torne diálogo com Aquele que nos faz.*

Carrón: “Que se torne um diálogo com Aquele que nos faz”, não que se torne coisas a fazer. Que tudo o que fazemos se torne diálogo com Aquele que nos faz, como é para seus filhos em relação a vocês: eles são um diálogo com vocês, não aquilo que fazem; e tudo o que fazem é um diálogo com vocês.

Colocação: *“Olhem que é muito fácil, os filhos de vocês fazem isso”, vocês dizia.*

Carrón: Sobre isso, vocês já perderam, porque o veem constantemente em casa!

Colocação: *“De fato”, você continuou, “não é que de um lado estão os problemas e do outro a memória. Os filhos de vocês, como eu sempre digo, quando acordam de manhã e têm o problema da solidão, o que fazem? Choram, gritam, procuram vocês, não têm outra coisa. Não de fora, mas do fundo deles urge o desejo de encontrar o rosto da mãe. É fácil!”. Para mim, não! Essa resposta me impressiona muito porque é clara como o sol, é simplíssima; mas, para mim, é difícilima.*

Carrón: Por quê? Onde está a dificuldade?

Colocação: *Está no fato de que, para mim, é tão linear e matemático o que você diz, tão natural e tão correspondente ao desejo do meu coração, que exatamente não consigo entender como, apesar disso, não é fácil de aplicar na realidade.*

Carrón: Há uma diferença elementar: na criança, é muito fácil. Mas se não fizermos um trabalho, diz Dom Giussani, se não nos empenharmos em manter desperta a natureza que há na criança de viver com essa disposição, num determinado momento, a perdemos. Vejamos a parábola da nossa vida: toda a curiosidade e todo o ímpeto com que a criança nasce do seio de sua mãe, cresce, mas, depois, começa a decair enquanto ela envelhece e quase desaparece. A mesma coisa acontece com o trabalho e com os relacionamentos, muitas vezes: decaem. O que é preciso? Cantamos no início: “Bastaria apenas voltar a ser criança e lembrar...”.

Colocação: *A canção já tinha me dado a resposta!*

Carrón: Entendo por que você diz que é difícilimo. É muito difícil se nós não nos empenharmos para que essa abertura à realidade, que você vê nos seus filhos, se torne nossa, como adultos. É fácilimo encontrar uma criança curiosa. É difícilimo encontrar um adulto “criança” como disposição do coração. Os nossos problemas começam aqui, e não porque seja difícil, mas porque perdemos a pobreza própria da criança.

Isso está ligado diretamente com a Primeira Meditação dos Exercícios que agora devemos começar a trabalhar. Não a retomaremos porque não temos outra coisa para fazer, mas porque é crucial para que possa se tornar fácil reconhecê-Lo! Como a criança. Mas, se ao ler a Primeira Meditação, não temos presente essa exigência, não nos daremos conta de que não é um percurso já sabido (como dizer: primeiro há o senso religioso, depois há Cristo, depois...) e nem de que a experiência d’Ele ainda não é nossa, como você está dizendo. Para a criança é muito fácil; deveria ser também para nós como fruto da educação, do trabalho, de uma atenção, do percurso que fizemos, porém, não é de forma alguma fácil. Entendem onde está a dificuldade? Esta é a “tarefa para o verão” de que falava a primeira carta de hoje. Dar-mo-nos como tarefa para o verão a Primeira Meditação é para nos ajudar a reconhecê-Lo com a mesma facilidade com que uma criança reconhece a mãe diante dela. Senão, não é que a salvação não esteja diante de nós – como a mãe para a criança –; a salvação existe, em muitos momentos está ali, diante de nós, mas não a percebemos do mesmo modo como a criança percebe o seu rosto quando acorda de manhã. Dá para entender?

Colocação: *Sim.*

Carrón: Então, como se faz? É preciso nos comprometermos com esse trabalho. Está claro?

Colocação: *Claríssimo.*

Carrón: Disse a vocês muitas vezes – e não tenho problema em repeti-lo – que o que salvou a minha vida foi aceitar aprender o que pensava já saber. Se não o fazemos, pensando: “Isso eu já sei”, quando acontecem certas coisas, num determinado momento cansamos de ouvir palavras que já sabemos, ou que achamos que já sabemos, sem nunca nos colocar verdadeiramente na postura de aprendê-las de novo, constantemente.

Colocação: *Para mim, estes meses foram difíceis e permeados por uma pergunta que se apresentou insistente, porque foi provocada pelas dificuldades que apareciam nos meus dias, e me comovia e fazia meu coração vibrar enquanto a colocava a Jesus: “Onde estás? Mostra-me o Teu rosto, por favor, Quero fazer experiência de Ti”.*

Carrón: Como perguntaria uma criança: “Onde você está, mamãe?”. Há pessoas que nos são dadas nas quais isso começa a emergir como postura. No início do dia, alguém se comporta como a criança: “Onde estás? Onde estás? Vem!”.

Colocação: *Dessa pergunta nasceu, como reação espontânea, uma busca que aumentava a minha consciência de ser uma ânfora vazia.*

Carrón: Diferente de desgraça, a fome e a sede! Só começo o dia perguntando porque sou uma ânfora vazia. Mas se consideramos a pergunta como uma desgraça ao invés de tratá-la como algo que impele cada um de nós a buscá-Lo (“Vem!”, como faz a criança com a mãe), então nós escutamos um testemunho como este e pensamos: “Mas eu já sou adulto!”. Porém, não, eu sou bobo, não adulto! Bobo no sentido etimológico do termo: alguém que não se dá conta de quem é enquanto homem. Não estou fazendo um insulto, mas fazendo uma descrição de quem não é consciente do que significa ser homem com toda a amplitude do próprio desejo, com toda a consciência daquilo que realmente é.

Colocação: *Assim, busco, nos textos que me são oferecidos, na Escola de Comunidade e, sobretudo, nas horas dos meus dias assim como se me colocam. Eu tentava fazer tudo pedindo para fazer uma experiência verdadeira d’Ele. Assim, aconteceram muitas coisas.*

Carrón: “Assim, aconteceram muitas coisas”. Com os mesmos ingredientes! Não disse que tinha uma linha direta com o Espírito Santo ou um texto oculto; tem os mesmos ingredientes de todos. Entendem o que faz a diferença?

Colocação: *Um dos meus filhos mais velhos participou do Tríduo dos Colegiais e voltou com o livreto, que eu roubei por uma noite. Li-o com maravilha e fiquei impressionada com tudo, em particular com uma frase de Dom Giussani: “Simão [...], quando se viu lá, a três ou quatro metros, jamais pôde esquecer o modo como Ele o havia olhado!”. “Ninguém jamais me olhou assim!”, então eu também quero dar-me conta de ser olhada assim.*

Carrón: “Eu também quero dar-me conta”. A cada frase que lê, ela para, maravilhada. Nós, ao contrário, passamos por cima das palavras como um tanque de guerra, sem piscar os olhos e, assim, tudo se torna formal. Mas quando alguém parte da sua consciência de ser uma ânfora vazia, então começa a não dar por óbvio que haja um olhar assim na história.

Colocação: *Nos Exercícios, fiquei tocada com tudo.*

Carrón: “Com tudo!”. Desculpe, não é que eu queria lhe interromper a cada frase, mas quando vejo que há entre nós pessoas como você, com essa simplicidade, reconheço que isso é para todos. Não é que ela fez mestrado em Harvard, simplesmente a consciência que tem de si a faz viver interceptando o que todos temos nas mãos.

Colocação: *Quando você nos disse como Dom Giussani descreveu o acontecimento pontual daquela “história particular” que é “o ponto chave da concepção cristã do homem, da sua moralidade, em sua relação com Deus, com a vida, com o mundo” (p. 18), acrescentou o que Dom Giussani disse depois: se não tivesse começado a encontrar todas aquelas pessoas, Cristo teria sido uma palavra-objeto de frases teológicas. E você disse: não podemos eliminar o Fato, a presença histórica e carnal de Cristo que se torna experimentável na Igreja. Depois, houve a Escola de Comunidade com você no dia 24 de maio, com a leitura do texto do Inominado: “‘Retornarás, não é verdade?’ [...] ‘Se eu voltarei?’ [...] ‘se vós me rejeitares, permanecerei obstinado à tua porta, como o pobre. Tenho necessidade de falar-vos! Necessito ouvir-vos, ver-vos!’*

Necessito de vós'". Aqui, foi como se tivesse sido me oferecida a modalidade única e perfeitamente legítima de fazer experiência de Cristo. E depois daquela Escola, fazer o mesmo pedido a Jesus, "Quero fazer experiência de Ti", tinha um gosto totalmente novo. A pergunta permaneceu, mas foi como orientada, como se dissesse: no lugar em que me colocas hoje, aqui e agora, e através de quem está para me fazer encontrar, me mostre o Teu rosto, Jesus! Que dom imenso é a companhia dos meus amigos, que não é confinada apenas ao momento em que os vejo, mas que se dilata no meu cansativo dia! E que gosto novo ao encontrar cada pessoa, que é para mim uma imensa possibilidade de ver-te, Senhor! Assim, tornou-se mais simples reconhecer Cristo, sobretudo quando se tem a graça de ser corrigidos, como acontece sempre comigo. A correção que Jesus me faz através de um amigo, me corresponde, me reorienta quase imediatamente para o meu caminho, também e sobretudo se é um caminho de sacrifício. Estes meses foram para mim um despertar, uma reconstrução da minha pessoa. Certo dia, aconteceu-me um fato. Numa manhã, no café da manhã, comecei a discutir com alguém sobre uma questão pessoal e dolorosa. As palavras, a atitude e o raciocínio daquela pessoa, meses antes teria causado imediatamente uma reação violenta em mim. Quase seguramente teria abandonado a discussão reagindo agressivamente. Porém, naquela manhã, houve um instante de silêncio em mim e, quase sem que eu quisesse, me veio em mente o rosto de um grande amigo me dizendo: quando sou agredido, fecho os olhos, indo além da própria instintividade, desejo o bem para o outro e continuo pensando, lembrando do bem que Deus colocou em cada coração; e eu fiz isso. Foi como se esse meu amigo tivesse sido um veículo do qual Jesus se serviu para se mostrar. Depois, você veio à nossa cidade para uma Assembleia e, naquela noite, não conseguia voltar para casa pelo estupor que tinha me tomado, exatamente o mesmo que senti quando nos falou sobre o Inominado e Federigo. Senti a mesma maravilha, por isso preciso muito lhe agradecer. Tudo me tocou naquela Assembleia, cada palavra que você nos disse. De fato, eu e meus amigos nos encontraremos para retomar tudo, para que tudo crie raízes em nós. E também gostaria de dizer que me impressionou a incrível familiaridade que nos fez experimentar naquela noite, visível de modo objetivo na expressão do seu rosto, no seu sorriso, no tom da sua voz e, sobretudo, no modo como nos ajudou, depois de cada colocação, a irmos até o fundo, até a raiz daquilo que dizíamos: de quem, hoje, temos necessidade? A partir daí, além da grande vontade de trabalhar com os amigos para retomar tudo o que foi dito naquela noite, nasceu o desejo de seguir, de ter uma obediência. E espero realmente que haja possibilidade de reencontrá-lo desse modo tão familiar.

Carrón: Haverá! Não tenho nada a acrescentar ao que acabamos de ouvir. Basta simplesmente retomá-lo através da transcrição desse encontro. Porque quando o Senhor nos dá, com a simplicidade com que ela acabou de nos testemunhar, a possibilidade de ver que há uma criança adulta ou uma adulta criança, maravilhada e tocada por tudo (desde as coisas mais elementares), experimentamos que há algo ao alcance das mãos de cada um de nós. Mas essa pobreza da qual fala o Inominado é a mesma pobreza pela qual eu pedi que ela viesse da sua cidade (embora tivesse muitos compromissos: oito filhos, o marido doente, etc), pelo desejo de poder escutá-la mais uma vez e poder compartilhar com todos. É assim que o Mistério se torna presente no meio de nós através daquilo que faz acontecer diante dos nossos olhos. Todos nós, agora, fomos transformados pelo que aconteceu e continua acontecendo. Isso é para nós, em primeiro lugar.

Mas para que possamos perceber, é preciso todo o percurso que faremos, de agora até o final de julho, sobre a Primeira Meditação dos Exercícios (da página 25 à 48), e sobre algumas perguntas e respostas da Assembleia (da página 78 à 81 e da página 92 à 98). Veremos como, somente despertando e adquirindo a pobreza de que nos falou o Papa, podemos verdadeiramente nos maravilhar – como João e André, Nossa Senhora, os pastores – com aquilo que acontece, ao invés de considerar óbvio. Em agosto e setembro retomaremos a Segunda Meditação (da página 53 à 77) e as demais perguntas da Assembleia.

AVISOS

Férias comunitárias. Como tema para as férias sugerimos esta pergunta: “A salvação continua interessante para você? Em que você percebe isso dentro da experiência sua ou das pessoas da

comunidade?”. Imaginem o que pode ser o verão se tivermos presente essas perguntas. A questão sobre o que significa a salvação foi a mais recorrente nos Exercícios da Fraternidade, foram muitas as perguntas que chegaram sobre isto: “O que é esta salvação?”. Quer dizer que nós, que somos cristãos, que pertencemos ao Movimento, ainda não sabemos o que é a salvação. E não aprendemos fazendo uma aula. Como dizia a primeira carta desta noite, mesmo que formalmente a pessoa reconhece, perdeu o valor existencial. Por isso, é preciso estar atentos durante o verão, perguntando-se: onde eu percebo a salvação? Como acontece? Que traços tem? Como percebo que a salvação está acontecendo? Então, poderemos responder à pergunta: a salvação continua interessante para mim? E quando acontece, depois se mantém interessante? Não é um problema de discussões ou interpretações, porque a pessoa pode fazer muitas coisas, mas, quando chega o famoso teste, o da letícia, volta a pergunta: onde está a salvação? *Evangelii Gaudium*, a alegria do Evangelho, a letícia que Cristo traz, onde está? A letícia é o sinal da salvação. Como dizia nossa amiga esta noite, é uma boa “hipótese de significado” para o trabalho deste verão: fiquem atentos para interceptar onde acontece a salvação, e a letícia, que é sinal dela.

Meeting de Rímíni. Acontecerá, na Itália, de domingo, 20, a sábado, 26 de agosto, com o título “O que você herda de seus pais, ganhe-o novamente para possuí-lo”. Como vocês veem, é o título mais adequado para nós, agora. Se não recuperamos o que nos foi dado, o perderemos pelo caminho. Lembro que todos podem construir o Meeting participando pelo menos um dia e, também, concretamente, através do trabalho voluntário.

Indico a vocês a entrevista que dei a John Allen, um dos mais importantes jornalistas americanos, que foi publicada em *Cruxnow.com* e que vocês podem ler no site de CL [traduzido em diversas línguas].

Veni Sancte Spiritus